

Zona de turbulência

Nada como uma eleição pela frente para embolar o meio de campo da política. A perspectiva de uma urna desfaz alianças, aproxima adversários, sela pactos inacreditáveis, sêla pactos instabiliza governos, vira pelo avesso o metabolismo institucional do país. Entra-se, politicamente falando, no império do imponderável.

Ao garantir a aprovação da reeleição, o presidente Fernando Henrique precipitou o processo sucessório e fez com que seu governo mergulhasse com perigosa antecedência nessa zona de sombras e turbulências em que todo governo mergulha quando chega a hora de discutir quem o sucederá. Mais ainda quando se trata de ele próprio se suceder.

O governo Fernando Henrique é particularmente complexo em matéria de alianças. Não há entre seus aliados vínculos doutrinários ou programáticos. Trata-se de uma aliança não formalizada, em que a maior parte de seus integrantes embarcou tendo em vista o usufruto do poder.

Em regimes partidários regidos pelo instituto da fidelidade, as alianças dão-se em torno de me-

tas específicas, que são subscritas formalmente e em caso de descumprimento cobra-se na Justiça a falta. O parlamentar faltoso pode, em tese, perder o mandato. No caso brasileiro, não há nada disso. Ninguém está obrigado a coisa alguma, nem mesmo o partido do presidente.

Não é casual que, neste momento, seja exatamente o partido do presidente, o PSDB, quem lhe nega apoio, enquanto o partido agregado, o PFL, protesta, exigindo lealdade. O PMDB, a distância, acompanha o barulho. Se o presidente não conseguir contornar a situação e mostrar-se fraco, quem sabe não seria hora de os peemedebistas desistirem do negócio e partirem em busca de candidatura própria?

Orestes Quércia joga nessa hipótese. Recebe de braços abertos antigos adversários e avalia se vale a pena enfrentar Fernando Henrique ou tentar novo vôo ao Governo de São Paulo. O PSDB vira as costas ao presidente em protesto a seu encontro com Paulo Maluf, receoso de que ambos tenham selado acordo de neutralidade na campanha eleitoral pau-

lista. Se firmaram, quem deveria estar mais preocupado é Maluf, pois as chances de o acordo ser cumprido são remotíssimas.

Maluf, porém, não é o único calo político de Fernando Henrique. Há outro, mais problemático, chamado Itamar Franco. Também ele detona enormes turbulências suprapartidárias. Neutralizá-lo implica mexer com quem está quieto: o governador de Minas, Eduardo Azeredo, candidato à reeleição.

Itamar ameaça candidatar-se à Presidência. Pode não se eleger, mas produz estragos (ou pelo menos transmite esse temor ao presidente) à reeleição. Itamar toparia disputar o Governo de Minas, se Fernando Henrique o apoiasse. Isso, porém, significa abandonar Azeredo. É como em São Paulo: neutralidade equivale a abandonar Mário Covas, hipótese que está na origem da presente rebelião dos tucanos.

Em suma, o presidente está diante do nó político que ele mesmo arquitetou, ao colocar em cena a reeleição, em meio a uma política de alianças excêntricas e inadministrável.